



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE ENSINO E CURRÍCULO

ANA BEATRIZ RODRIGUES DE ARAÚJO

A PRESENÇA FEMININA NA LITERATURA INFANTIL:
ANALISANDO AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM LIVROS DO CADERNO
DE LEITURA “VEM LER!”

RECIFE

2023

ANA BEATRIZ RODRIGUES DE ARAUJO

**A PRESENÇA FEMININA NA LITERATURA INFANTIL:
ANALISANDO AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM LIVROS DO CADERNO
DE LEITURA “VEM LER!”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em pedagogia.

Aprovado em: 06/10/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Clécio dos Santos Bunzen Junior
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Rejane Dias da Silva Moraes
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Ana Caroline de Almeida
Universidade Federal de São João del-Rei

A PRESENÇA FEMININA NA LITERATURA INFANTIL - ANALISANDO AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM LIVROS DO CADERNO DE LEITURA “VEM LER!”

Ana Beatriz Rodrigues de Araújo¹

Clécio dos Santos Bunzen Júnior²

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo analisar os discursos presentes em livros de literatura infantil utilizados em salas de aula do ensino fundamental, a fim de compreender se as narrativas presentes nas obras, contribuem ou não para a reprodução de representações estereotipadas de gênero. Para isso, realizamos um estudo de abordagem qualitativa, utilizando da análise de discurso, na investigação das obras “A mulher que matou os peixes” e “Qual o meu dom?”, presentes no caderno de leitura “Vem Ler!” da Prefeitura do Recife. Esse estudo revelou que por mais que esses livros não apresentem narrativas que seriam ideais, em relação às relações de gênero, para obras infantis, as histórias não conduzem apenas uma perspectiva em suas narrativas, sendo assim, fica evidente que as obras podem apresentar tanto momentos de corroboração, quanto de rompimento, dos estereótipos de gênero.

Palavras-chave: Literatura-infantil; representações de gênero; identidade.

1. INTRODUÇÃO

Estudar sobre literatura infantil nos permite compreender a importância de averiguar a qualidade das obras que são trabalhadas em sala de aula e de tê-las como obrigatórias no processo educacional. É, a partir de estudos mais atentos sobre diversas obras literárias desenvolvidas para o público infantil, que fica explícita a dimensão de conhecimentos, percepções e indagações que podem surgir das suas leituras. Quando direcionamos um olhar crítico a livros infantis, com a intenção de identificar sua qualidade, analisamos o material como um todo, desde a sua impressão, ao tamanho da fonte, até a narrativa nele presente e a intencionalidade

¹ Concluinte do curso de Pedagogia - Centro de Educação - UFPE - anarabeatriz@gmail.com

² Professor do departamento de Ensino e Currículo - Centro de educação - UFPE - clecio.bunzen@ufpe.br

por trás dela, pois é no processo de alfabetização que começamos a nos formar criticamente para uma leitura de mundo.

Trabalhando nas escolas, fica perceptível que a qualidade desses livros está, muitas vezes, bem longe do ideal. E, se tratando das narrativas, é comum encontrarmos livros que reforçam estereótipos sexistas que perpetuam relações de gênero estereotipadas e que, por vezes, esses estereótipos perpassam os muros da escola. Sales, (2019, p.143-144), aponta, “afinal, como ser do sexo feminino, a menina quer no mundo da ficção, quer no mundo real, ainda vive fatos adversos apenas por ser “menina”, consequência da história e vivências socioculturais que desejam anulá-la do processo de construção, por ser mulher”.

Sabemos que a construção social acerca do papel do homem e da mulher na sociedade, acarreta numa sociedade sexista, injusta e excludente. Ora, se a escola faz parte do meio social, significa dizer que as relações de gênero estão presentes também nela, como afirma Louro (1997), quando aponta que a justiça, a igreja, as práticas educativas e de governo, são atravessadas pelos gêneros. E, sabendo disso, precisamos olhar mais de perto como elas se dão no ambiente escolar, e é pensando nisso que a pesquisa surge.

Tendo como ponto de partida que a literatura é fundamental para a formação das crianças, que “livros, gibis e textos escolares, de fato, constituem um meio extremamente importante no processo de socialização e de aculturação de crianças e jovens...” (Seveso, Gabriella, 2016, p.109), e, compreendendo que as relações de gênero são construídas, legitimadas e perpetuadas nos diversos âmbitos sociais, e isso inclui a escola, nos perguntamos: quais representações de gênero estão presentes nos discursos das obras literárias trabalhadas no ensino fundamental?

Sabemos que a presença da leitura no ensino fundamental é incentivada e destacada em documentos legais que regulamentam a educação, como na própria política de ensino da rede municipal do Recife, que aponta no início do documento: “a escola é um espaço acolhedor da diversidade cultural, podendo possibilitar aos (às) estudantes leituras sobre ser e estar no mundo.”, citando diversas vezes no decorrer do documento os objetivos de aprendizagem e/ou meios para atingi-los. No entanto, não há uma lista que define quais livros devem ser trabalhados em cada

turma, tanto em âmbito nacional, quanto estadual e municipal. Então, quais livros investigar?

Com a intenção de compreender qual a realidade da literatura infantil utilizada na rede municipal de educação, buscamos analisar livros que estivessem disponíveis para educadores da mesma. Encontramos, durante a busca, o caderno de leitura “Vem Ler!”, que contém propostas de mediações de leitura, elaboradas por professoras dos espaços de leituras e faz parte das ações do Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores, apresentando nele propostas para turmas dos anos iniciais e finais do ensino fundamental.

Avaliando a lista de propostas para os anos iniciais do ensino fundamental, encontramos o total de oito propostas e, para escolher entre elas, analisamos quais tinham mulheres como a personagem principal e como escritora, ficando então com duas obras, sendo elas: “A mulher que matou os peixes” de Clarice Lispector e “Qual meu dom?” de Patrícia Vasconcellos. Para chegar ao nosso objetivo, analisamos ambos os livros, em busca de compreender quais significados presentes em suas narrativas.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo analisar quais as representações de gênero apresentadas nas narrativas da literatura infantil destinada às crianças no ensino fundamental da rede municipal da cidade do Recife. Para isso, buscamos identificar se essas narrativas corroboram ou rompem com a perpetuação dos estereótipos de gênero e reconhecer como são representadas as personagens femininas, em suas falas e ações

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A LITERATURA INFANTIL E A SUA RELEVÂNCIA NA EDUCAÇÃO

A literatura, em sua dimensão, pode abordar as mais diversas questões, como sociais, políticas e filosóficas, de maneira profunda e reflexiva, nos desafiando a questionar nossas próprias crenças e aquilo que acreditamos ser verdade, considerando perspectivas alternativas que nelas são apresentadas. Pode desempenhar papel crucial em nossa sociedade, proporcionando uma janela para diferentes culturas, épocas e perspectivas, podendo nos permitir explorar mundos imaginários, entender as complexidades humanas e desenvolver empatia por

personagens e situações que podem estar distantes de nossa própria realidade e pode, também, estimular nossa imaginação, criatividade e habilidades de comunicação, que são essenciais para o desenvolvimento intelectual e pessoal.

Partindo da afirmação que “é incontestável a importância da literatura literária no espaço escolar e/ou familiar” (Soares 2019, p.125), quando voltamos o olhar para a relação entre a literatura e a educação entendemos que ela desempenha um papel fundamental no processo de aprendizado, representando grande importância para o currículo escolar brasileiro, uma vez que: amplia o vocabulário e a capacidade de leitura dos alunos; contribui para o desenvolvimento intelectual, emocional e social dos alunos; os expõe a diferentes contextos culturais e sociais; oferece perspectivas valiosas sobre o comportamento humano e dilemas sociais, permitindo que os alunos discutam e debatam questões complexas de forma crítica a partir de suas interpretações, dentre tantas outras perspectivas e abordagens que são cruciais para ser, viver e conviver em uma sociedade tão diversa quanto a que estamos inseridos.

Entretanto, quando se trata de introduzir leitura, desde cedo na rotina da sala de aula, logo de cara ouvimos quais são os objetivos educacionais que podem ser trabalhadas com cada obra em particular, trazendo a tona a problemática existente entre a literatura e a escola, apontada por Zilberman (2016), que também diz que “a descrição do conteúdo da literatura infantil, mostra que o seu dilema decorre da necessidade de preenchimento de uma missão não propriamente literária em sua origem e funcionamento ..”. Então, antes de continuar a discussão, precisamos compreender e deixar muito explícito que, por mais que seja possível usar de obras para tratar de assuntos pontuais, a leitura no ambiente escolar não deve se reduzir a isto. Ou seja, é necessário levar para a escola, não só na sala de aula, momentos que proporcionem prazer na leitura, buscando criar uma relação natural, que fuja da pura obrigatoriedade educacional, entre os estudantes e os livros.

A literatura infantil nas salas de aula do ensino fundamental, se apresenta como uma ferramenta fundamental para o estímulo à leitura, à imaginação e à criatividade. Silva (2019, p.125) aponta que, “as obras que circulam em ambientes de leitura destinados a crianças e jovens além de estimular o desenvolvimento do senso estético dos leitores em formação, devem, a partir de um trabalho artístico com a

linguagem, permitir reflexões sobre questões que os ajude a perceber as relações entre si, os outros e o mundo.”

Isso se torna ainda mais notório, quando a relação com a leitura vem sendo construída, de maneira positiva, e valorizada desde a etapa educacional anterior. Possibilitando a promoção de um contato mais intenso com leitura e incentivando a reflexão crítica, a curiosidade e a discussão sobre questões importantes, que muitas vezes são complexas de abordar isoladamente. Uma vez que “revela-se imprescindível e vital um redimensionamento de tais relações, de modo que eventualmente transforme a literatura infantil no ponto de partida para um novo e saudável diálogo entre o livro e o destinatário mirim” (Zilberman, 2016).

Como aponta NASCIMENTO (p.127, 2019):

A literatura, dessa forma, é preta de possibilidades para humanizar. Todavia, o caráter humanizador da literatura só pode ser alcançado se a escola for capaz de abordar o texto literário considerando as diferentes habilidades que ele mobiliza, inclusive as relacionadas às experiências estéticas vividas com o texto. Por exemplo, através de atividades propiciadoras do reconhecimento e da expressão da incorporação do texto às vivências dos alunos.

Ou seja, as histórias, os personagens cativantes e cenários ricos encontrados nos livros infantis, que transportam as crianças para mundos desconhecidos, permite que explorem novas ideias e perspectivas, ampliando e auxiliando o desenvolvimento de diversas habilidades. Possibilitando um entendimento acerca da realidade pessoal vivida pelo leitor, contribuindo para o desenvolvimento social e emocional das crianças, preparando-as para uma interação mais saudável e compreensiva com o mundo ao seu redor.

Sendo assim, ao integrar a literatura de qualidade ao currículo escolar e possibilitar às crianças um acesso saudável, desde cedo, à leitura e a um relacionamento saudável com a mesma, faz com que seja possível pensar em uma próxima geração formada por cidadãos abertos ao debate, críticos e empáticos, rompendo até mesmo com as barreiras de gênero que são postas na educação, o que é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

2.2 DISCUTIR GÊNERO NA EDUCAÇÃO

Estamos inseridos em uma sociedade que reafirma, diariamente, quais lugares devem, ou não, ser ocupados por determinados tipos de sujeitos. Colocando as pessoas em diferentes 'caixas', que ditam o jeito que devem se vestir, falar e se relacionar. Essas imposições sociais, tão intrínsecas em nossa sociedade, perpassam de geração em geração e nos fazem acreditar que devemos ser e agir de uma determinada forma, reforçando a desigualdade de gênero, e os estereótipos a ela relacionados, chegando a interferir nos processos construtivos do feminino e masculino, enclausurando compulsoriamente as mais diversas formas de expressões do ser humano que possam surgir de tais processos, como pontuado por Louro (1995):

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo.

A perpetuação desses estereótipos afeta diretamente na formação pessoal dos indivíduos de nossa sociedade. Louro (2000) diz que o processo de construção das identidades é árduo e constante, leva em consideração o atravessamento de diferentes discursos que nos encontramos nas mais diversas situações do cotidiano. Esses, como aponta Hall (2002), são elaborados histórica e socialmente, produzidos e reproduzidos e articulados através da linguagem escrita, falada e simbólica. Ou seja, somos afetados (e muito) pelas ações e falas que a nós são direcionadas ou negadas, e quando não temos contato com discussões que vão de contra a 'regra', passamos a acreditar que elas são a verdade.

Em sua obra, Louro (2000) desenvolve uma discussão sobre as diferenças sociais e em como elas são construídas e questionando como elas passam a ser valorizadas ou negadas pela sociedade. Levantando, também, questionamento que busca compreender se a perpetuação dessas diferenças não está ligada a uma (muito) antiga discussão que aponta como diferentes aqueles que não fazem parte dos sujeitos marginalizadores (branco, heterossexual, classe média).

Para ir de contra a continuidade dessa percepção que segrega os ditos diferentes, seguimos em busca de traçar um caminho que leve à construção de uma sociedade igualitária, justa e respeitosa. Para isso precisamos tratar as pautas sociais com a devida importância e entender onde estão e quais são os problemas que persistem em cada uma delas, faz-se necessário ter como ponto de partida que essas discussões vão muito além da esfera pessoal de cada indivíduo, ou seja, que essas pautas perpassam por todos os âmbitos de nossas vidas.

Sabendo que, como aponta Soares (2019, p.126), “desde a infância a figura feminina carrega as características de uma situação cultural viciosa de discriminação no que diz respeito às suas escolhas ou ainda ao estilo de vida como mulher”. Quando falamos sobre discutir gênero, temos como intenção fomentar questionamentos que colaborem para o rompimento de estereótipos que reduzam pessoas, no caso as mulheres, à meras características e/ou ações, buscando romper com as desigualdades de gênero que persistem em nossa sociedade.

Essa discussão nos permite compreender que as complexas identidades de gênero que existem vão muito além das categorias binárias tradicionais, e a partir do momento que se torna possível promover uma compreensão mais ampla sobre elas, somos capazes de desconstruir estereótipos nocivos e criar ambientes mais inclusivos para todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero.

Bom, se sabemos, então, que as questões sociais estão diretamente ligadas a todas as esferas da vida dos indivíduos, entendemos, portanto, que a escola é uma delas. Como apontam Nogueira e Saavedra, 2007, p. 20, *apud*. Nunes (2017), “como definimos o que é ser mulher ou homem e quais deverão ser as suas trajetórias, terá impacto nas percepções individuais de cada um/a e também nas instituições sociais e sua organização, a níveis tão diversos como: a educação...”

Sabendo disso, quando alinhamos as discussões de gênero à educação, torna-se evidente que ela desempenha um papel crucial nas salas de aula. Uma vez que a educação não deve ser apenas um meio de transmitir conhecimento acadêmico, mas que deve, também, promover meios e conhecimentos que possibilitem a formação pessoal de cada um e cada uma que passa pela escola.

Ao incorporarmos a discussão sobre gênero no currículo escolar, estamos possibilitando meios para que as futuras gerações possam criar um ambiente mais justo, igualitário e diverso, sensível às questões de gênero, através de uma educação crítica, que instigue questionamentos, discussões e que propicie debates construtivos, inclusivos, igualitários e equitativos naquilo que se propõe enquanto gênero.

Como apontado por Tadeu (2014), “a pedagogia e o currículo deveriam ser capazes de oferecer oportunidades para que as crianças, adolescentes e jovens desenvolvessem a capacidade de crítica e questionamentos dos sistemas e das formas dominantes de representação da identidade e da diferença”. Portanto, fazer com que esse tipo de debate esteja presente no dia a dia escolar, pode criar um espaço de aprendizado mais oportuno e possibilitar que os jovens se tornem cidadãos conscientes e engajados em uma sociedade diversa e igualitária, que levem esse tipo de debate para fora dos muros da escola.

2.3 DISCUTINDO GÊNERO NA EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA LITERATURA

Como supracitado, a escola não está, de forma alguma, dissociada da realidade social em que está inserida. Sendo assim, fazer com que discussões que fazem parte do dia a dia da sociedade, como as relações de gênero, estejam presentes na rotina escolar, é essencial. Faz-se necessário compreender quais percepções os(as) alunos(as) carregam consigo e levam com eles(as) para dentro das escolas, para que exista a possibilidade de, a partir delas, criar espaço para uma possível ressignificação de entendimentos que os limite e os coloque em espaços previamente delimitados.

Mas, então, como discutir temas tão importantes como as relações de gênero na escola? Concordamos com Soares (2019, p.125), quando ela diz que “literatura é uma das maneiras mais acessíveis de fazer esse tema chegar ao mundo infantil e juvenil de uma maneira eficaz e oportuna”. Uma vez que ela desempenha um papel fundamental na formação das crianças, possibilitando ampliar seu entendimento do mundo, suas percepções acerca das questões sociais, como as identidades e relações de gênero.

Antes, precisamos reafirmar, que a literatura infantil não deve ser utilizada apenas para transmitir uma certa mensagem, como apontado por AMARILHA (1999): “a presença da literatura na escola propicia a exploração de inúmeras possibilidades de educação linguística, ficcional, social”. É importante que a literatura, e o contato com livros, seja prazeroso e incentivado para que o interesse na relação das crianças seja espontâneo.

Sabendo que as crianças estão constantemente em busca de modelos e referências para entender quem são e como se encaixam no mundo, e, durante o processo de construção de suas identidades, que começa na infância, as representações que encontram nesse percurso podem desempenhar um papel significativo nesse processo, incluindo, é claro, as de gênero.

Assim sendo, a literatura infantil pode ser, nesse processo, uma grande aliada. Uma vez que oferece a oportunidade de explorar múltiplos mundos (alguns mais reais outros menos) e assuntos, ela pode ser crucial no desenvolvimento e ser uma ferramenta valiosa na construção da percepção das crianças sobre si mesmas e sobre os outros, que é muito afetada pela sociedade. Como aponta Louro (1995), quando afirma que a sociedade institucionaliza a segregação sexual estabelecendo diferenças entre o papel do homem e o da mulher.

Tendo isso em mente e sabendo que a literatura afeta aqueles que a leem, é necessário entender a maneira como as narrativas presentes nas obras utilizadas em salas de aula do ensino fundamental podem contribuir tanto para a quebra, quanto para a reprodução de representações estereotipadas de gênero. Por isso, reafirmamos a importância de analisar bem qual a qualidade dos livros que serão selecionados para trabalhar em sala de aula.

Quando analisamos a literatura infantil, principalmente, quando olhamos os livros trabalhados em sala de aula, um dos principais problemas encontrados é a presença de estereótipos de gênero arraigados. Podendo ser percebido tanto nas questões físicas, como cor de roupas; adereços; brinquedos e brincadeiras destinados a cada personagem, quanto nas suas narrativas. Existe a tendência de atribuir papéis definidos com base no gênero biológico e nos estereótipos impostos socialmente, retratando meninos como corajosos, ativos e interessados em aventuras

e meninas, como aponta Nunes (2017), características como afetuosas, bonita, carinhosa, elegante, meiga, sensível.

Muitas das vezes, até mesmo quando as personagens femininas são as protagonistas das histórias, elas acabam precisando passar por aprovações masculinas para que suas histórias possam, então, ser validadas. E assim, com o uso dessas literaturas, que, de forma sutil, reafirmam percepções sexistas, a perpetuação da ideia de que as mulheres são subordinadas aos homens, limitando as aspirações e o potencial das meninas e contribuindo para a desigualdade de gênero, acaba sendo facilitada.

Quando escolhermos, cuidadosamente, literaturas que não reforcem estereótipos de gênero, podemos instigar percepções que façam com que entendimentos prévios, criados e repercutidos na sociedade, sejam quebrados e que as crianças passem a entender que suas identidades independem de se encaixarem nos estereótipos tradicionais de gênero. Um peso que (principalmente) a figura feminina carrega, desde pequena.

A presença de personagens plurais e diversos nas histórias infantis pode ajudar a romper estereótipos que (re)afirmam que as pessoas só podem assumir determinados papéis, previamente designados, ou que só possam usar roupas destinadas para seu gênero, bem como falar e fazer apenas aquilo que seja o dito correto para o seu gênero biológico. As crianças podem, então, aprender que as pessoas podem ser, falar, fazer e gostar do que quiserem, independente do que é imposto socialmente.

Sendo assim, se torna fundamental que a literatura infantil reflita a diversidade de gênero presente na sociedade. Isso significa incluir personagens de diferentes gêneros e identidades de gênero, bem como histórias que desafiam os estereótipos tradicionalmente repetidos. Fugindo da ideia de alguns profissionais da educação que, como apontada Nunes (2017, p.70), “os livros “de rapazes” com aventuras sobre rapazes e “coisas de rapazes” são mais prováveis de agradar a todos e a todas”, possibilita que as crianças possam compreender que a identidade de gênero é uma experiência pessoal e variável, e que ninguém deve ser limitado por expectativas impostas pela sociedade.

Utilizar de uma literatura infantil que desafie essas imposições tradicionais de gênero e que apresenta personagens femininas fortes e independentes, bem como personagens masculinos sensíveis e empáticos, pode ajudar a ampliar os horizontes e entendimentos das crianças acerca de si mesmos, já que, como aponta Tadeu (2014), é através dos significados produzidos a partir das representações que damos sentido à quem somos.

Podendo, ter, também, um impacto significativo em suas relações interpessoais no ambiente escolar, uma vez que a forma como os personagens e as narrativas são apresentados nos livros, podem afetar a maneira como as crianças interagem umas com as outras e como percebem os outros em suas maneiras. Utilizar de literaturas que não apresentem personagens nichados nas duas identidades, pode incentivar relações de amizade com base no interesse comum e personalidade, em vez de se limitarem a amizades dentro de seu próprio grupo de gênero, contribuindo para um ambiente escolar mais inclusivo e diversificado.

Louro, (1997, p. 29), diz:

Ao aceitarmos que a construção do gênero é histórica e se faz incessantemente, estamos entendendo que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constante mudança. Isso supõe que as identidades de gênero estão continuamente se transformando.

Sendo assim, levando em consideração as colocações feitas no decorrer dessa abordagem teórica, fica claro que a literatura infantil pode ser uma ferramenta poderosa para fomentar discussões significativas sobre gênero na sala de aula, se apresentando como uma excelente oportunidade para trazer questionamentos sobre os estereótipos de gênero. Utilizando das narrativas apresentadas nas histórias, para incentivar os alunos a refletir sobre como as personagens são retratadas, em como as histórias são guiadas, instigando questionamentos e críticas que possibilitem uma compreensão maior sobre os sentimentos e entendimentos que surgem a partir da leitura.

2. METODOLOGIA

O leque de literaturas infantis é muito amplo, e como não existe uma lista de indicações de leitura para o ensino fundamental, iniciamos uma pesquisa em busca de achar obras que fossem acessíveis aos professores e professoras da Rede Municipal de Ensino da Cidade do Recife. Encontramos o caderno de leitura “Vem Ler!”, que contém propostas de mediações de leitura, elaboradas por professoras dos espaços de leituras e faz parte das ações do Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores, apresentando nele propostas para turmas dos anos iniciais e finais do ensino fundamental

Neste caderno, a lista de propostas para os anos iniciais do ensino fundamental contém oito livros e para definir quais seriam analisados, escolhemos os que tinham mulheres como autoras e personagens principais, uma vez que a pesquisa faz esse recorte de gênero, achamos interessante usar obras que tivessem essas características para realizá-lo. Ficamos, então, com dois livros, sendo eles: “A mulher que matou os peixes” de Clarice Lispector e “Qual meu dom?” de Patrícia Vasconcellos.

Para realizar o estudo, desenvolvemos um estudo de abordagem qualitativa, uma vez que buscamos uma análise profunda, a fim de entender os significados, a interpretação e o contexto presentes nos objetos de pesquisa. Usamos como método de pesquisa a análise de discurso, “tendo o entendimento de que todo discurso é o resultado de uma intervenção do sujeito sobre um aspecto da realidade” (Florêncio et. al. 2016)

Escolhemos usar literatura, sobre a análise de discurso, que bebe da fundada por Michel Pêcheux, mais especificamente, do desenrolar de suas perspectivas no Brasil. Portanto, temos como objetivo principal analisar quais são as relações entre a linguagem, a história e a sociedade presentes nos discursos presentes nas obras escolhidas. Uma vez que, segundo Pêchieux (2002, p.45), conforme citado por Florêncio, et al (2016), “Todo discurso é índice de agitação nas filiações sócio-históricas”.

Entendemos que a análise de discursos não pode ser feita de maneira pontual, ou seja, não podemos analisar apenas aquilo que está escrito no texto, uma vez que

reconhecemos que as palavras não apresentam um significado estando sozinha. Consideramos que a língua pode ser volátil, isto é, pode ter muitos significados, ser ambígua e imprecisa, vai depender da bagagem que a narrativa carrega consigo. Pois, as palavras, produzem sentidos específicos, quando utilizadas em diferentes posições ideológicas, como aponta Florêncio, et al (2016).

FLORENCIO, et al. (2016), diz:

“A partir daí podemos entender que todo discurso é uma resposta a outros discursos com quem dialoga, reiterando, discordando, polemizando. Sendo produzido socialmente, em um determinado momento histórico, para responder às necessidades postas nas relações entre os homens, para a produção e reprodução de sua existência, carrega o histórico e o ideológico dessas relações.”

Ou seja, usamos como ponto de partida desta análise, o entendimento que todo discurso carrega com ele, uma bagagem histórica e social. Assim, compreendemos que, o processo de construir e viver uma vida na sociedade afeta diretamente nos discursos que os sujeitos reproduzem, mesmo que os mesmos não tenham a intenção. Aquilo que é dito (ou não dito), não surge do nada, ele vem das relações existentes entre os tantos discursos e as relações de uns sobre os outros, sendo assim, “quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos”, como apontada Tadeu (2014).

3. ANÁLISE

Antes de começar as análises, de fato, é importante ressaltar que não analisamos o que está escrito de forma pontual, ou seja, para analisar o discurso presente nas obras, vamos levar em consideração o momento em que foi publicado e as bagagens que vem junto, pois, como aponta Florêncio et. al. (2016), produzido nas relações sociais, em determinado momento histórico, pelas necessidades impostas na produção e reprodução pela existência humana, traz em si o histórico e o ideológico, próprios a essas relações.

Também é necessário entender que em busca de reconhecer quais representações de gênero presentes nas narrativas das obras, utilizaremos e

falaremos dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres pela sociedade, e para entender o que são esses papéis, Louro (1997, p. 23 - 24), explica:

Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas.

Por fim, vivemos em um contexto social no qual a linguagem e cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade e que são marcadas por diferenças, e “essa marcação da diferença se dá, tanto por meio de sistemas simbólicos de representação, quanto por meio de exclusão social”, apontado por Tadeu (2014). Agora, sigamos para as análises.

4.1 - Analisando “A MULHER QUE MATOU OS PEIXES”, CLARICE LISPECTOR.

"A Mulher que Matou os Peixes", escrito por Clarice Lispector, é um dos livros desenvolvidos pela autora, destinado ao público infantil. A obra, que foi publicada pela primeira vez em 1968, conta a história da morte de dois peixinhos e tem como questionamentos principais quem os matou. Porém, o primeiro mistério acaba logo no início do livro, quando a autora assume que ela os matou, dizendo "Essa mulher que matou os peixes infelizmente sou eu. Mas juro a vocês que foi sem querer. Logo eu! Que não tenho coragem de matar uma coisa viva. Até deixo de matar uma barata ou outra".

Contudo, a narradora, que é a própria Clarice Lispector, deixa para dizer o motivo apenas no final no livro, deixando os leitores na expectativa para entender o que pode ter acontecido para que ela os tenha matado. Ao longo da história, até chegar no tão esperado desfecho, a autora explora sua relação com os animais e a natureza, e os diversos relatos das coisas que viveu com eles.

A análise feita da narrativa dessa obra, tem o recorte voltado para as relações de gênero, por isso, é necessário apontarmos o período histórico em que esse livro foi publicado - fim da década de 60. É importante pontuar que naquela época o peso

carregado pelas mulheres em relação aos estereótipos e as limitações impostas por eles, eram ainda mais latentes. Tendo isto em mente, passamos a análise desta narrativa.

Sabemos que os livros tendem a mostrar uma visão estereotipada sobre os papéis socialmente aceitos e recomendados para cada gênero nas narrativas apresentadas nos livros infantis, mostrando as mulheres como pessoas frágeis e sensíveis, principalmente quando relacionadas a algo fora do comum, ou socialmente conhecido como assustadores ou nojentos. Como falado anteriormente, Clarice nos conta várias histórias que envolvem a relação dela e de outras pessoas com animais e com a natureza.

Logo depois de assumir a culpa pela morte dos peixes, a autora começa a falar sobre os “bichos naturais” que existem nas casas, ela explica que esses são aqueles animais que “não são convidados e nem comprados”. O primeiro deles é o rato, animal que a autora assume não gostar e ter ‘nojo e medo’, afirmando pouco depois, que: “quase todas as mães têm medo de ratos. Os pais não: até gostam...”(Lispector, 2017, p.10).

Analisando esse trecho, podemos perceber que a relação da mulher e do homem com o animal rato se concretiza de maneira bem estereotipada. Os pais, que ela cita, não se amedrontam e ainda se divertem com a situação, enquanto ela, a mulher narradora da história e a "mãe", formam a dupla medrosa. Essa situação, que pode até ser comum, é importante de avaliar, pois são colocações como esta, repetidas diariamente e nas mais diversas situações, que reafirmam o lugar que a sociedade impõe às mulheres, o de pessoa medrosa e que não enfrenta os problemas, quanto os homens resolvem as situações com facilidade e tranquilidade.

A autora volta para os animais 'naturais', falando agora das baratas, nesse momento ela não apresenta nojo ou medo, apenas um descontentamento por elas aparecerem sem serem convidadas. Depois ela fala sobre lagartixas e, dessa vez, nem o descontentamento ela apresenta. Uma vez que esses animais até ajudam a manter as casas livres de insetos. Já nesta parte, ela vai de contra ao que pontuamos anteriormente, se colocando, mesmo que sem querer e com naturalidade, a relação que ela tem com bichos que não são tão agradáveis assim, apontando tanto o

problema quanto a solução que ela mesma enxerga e realiza. Ocupando um papel de independência, não tão comum para a época.

Lispector (2017), conta em um momento, que tamanha felicidade que sentiu iria convidar meninos e meninas para a visitarem e comer bolo com ela e que daria um beijo na testa de cada um. Interessante analisar essa parte do livro, porque, por mais que seja um momento de demonstração de carinho, ele representa o papel materno imposto pela sociedade às mulheres, daquela que cuida e alimenta os sujeitos.

Agora a narrativa parte para os animais convidados. Ela fala sobre coelhos, patos, galinhas e pintos, contando histórias sobre como esses animais são e do que precisam, até chegar nos cachorros, quando conta as experiências que teve com os dois que teve. O primeiro, sendo um vira-latas que ela adotou, que é muito 'bonzinho' e que gostava muito dela, mas que ela teve que doar quando viajou para a Suíça.

Quando fala do seu primeiro cão e diz que ele gostou dela logo de cara, ela faz um seguinte apontamento, "viu logo que eu era boa para os animais" (Lispector, 2017, p.19), analisando esse trecho isoladamente, fica evidente que o papel de boazinha, amigável, imposto às mulheres, é bem representado. Contudo, em seguida, é apresentada a suposição de que a dona anterior do animal batia nele e isso explicaria o motivo do mesmo estar tão feliz com a nova dona, nos apresentando um oposto absoluto de representações.

De um lado temos uma figura feminina amável e do outro uma que bate em cachorros. O que é, obviamente, comum no mundo real. Quando voltamos para o recorte temporal desta obra, não era comum a sociedade falar e apontar mulheres que fugissem do padrão boa, educada e querida, ela até aponta: "Como vocês vêem, existe de tudo nesse mundo. Mulher que bate em cachorro, outras que nunca batem" (Lispector, 2017, p.20). E, quando fala do seu segundo cão, nos conta que precisou doá-lo pois um vizinho o ameaçou de morte. Acho interessante como ela, quando faz essas partilhas, mexe, também, na figura masculina, os tirando do lugar de superior em que a sociedade os coloca. Deixando os sujeitos expostos à realidade da vida, onde pessoas, independentes de suas identidades, podem agir de forma boa ou má.

Mais pra frente, a narrativa chega no relato do mico fêmea, batizada de Lisete pela família, que usava saia vermelha, brincos e colares baianos. Neste ponto da história, achamos importante destacar duas falas da autora, a primeira sendo: "já amávamos Lisete e sua carinha de mulher" (Lispector, 2007, p. 27) e, a segunda: "'Você acha que ela morreu de brincos e colar?' Eu disse que tinha certeza que sim e que, mesmo morta, ela continuaria linda" (Lispector, 2017, p.30). As afirmações presentes nestes trechos, apontam a pressão social imposta às mulheres, para que as mesmas estejam sempre bem arrumadas, atribuindo o belo e o feminino a maquiagens e adereços, algo que era latente, na década de 60 e que segue sendo reforçado hoje em dia. Esse discurso é tão intrínseco na sociedade, que até mesmo quando se trata de um animal, se for fêmea, afirmam, ela pode continuar linda, até mesmo estando morta, basta estar arrumada.

Depois de narrar uma situação triste que resultou na morte de dois cachorros, Lispector (2017) fala sobre sentimentos e comenta que em alguns momentos meninas e meninos sofrem. Louro (1997), falando sobre os papéis sociais impostos aos homens e mulheres, diz que os homens definidos pela sociedade não têm medo. Essas representações eram fortemente reproduzidas quando o livro foi publicado pela primeira vez e seguem sendo fortemente reafirmadas nos dias de hoje. Com isso, é interessante pontuar a importância dessa quebra no discurso para a época e acentuar que é essencial ainda nos dias atuais.

Chegando no fim da história, a autora responde o mistério e conta como ela matou os peixes, mas logo explica dizendo que não foi por mal, que "eu sou muito ocupada. Também escrevo histórias para gente grande".

Com o fim da análise, percebemos que ao contrário do que imaginávamos antes da leitura, a obra, talvez por ser mais extensa e se tratar de relatos, não apresenta tantos momentos que reafirmam as desigualdades impostas pelos papéis sociais, tanto em relação a ações, quanto à falas.

4.2 Analisando "QUAL MEU DOM?" PATRÍCIA VASCONCELLOS.

O livro "Qual meu dom?", foi escrito pela autora Patrícia Vasconcellos, e publicado em 2016. A história tem como personagem principal, uma menina chamada Lilás e tem como narrativa a busca pelo seu dom de fada. É uma obra

consideravelmente mais curta que a anteriormente analisada e, além disso, também tem como diferença o ano de publicação, uma vez que ela foi publicada recentemente, em contrapartida da anterior.

A história começa com Lilás sonhando com a rainha das fadas que conta que a menina também é uma fada, porém que ela deverá descobrir sozinha qual seu dom, dando apenas a dica que para encontrar, ela precisa “despertar para a magia” e olhar para dentro do coração. Na busca por esse dom, algumas hipóteses são levantadas, como “fada dos animais” e “fada da natureza”, até que ela chegue à conclusão final.

A história também traz outra personagem feminina, a Poliana, melhor amiga de Lilás, que tem como sonho ser pintora. É interessante perceber que, diferente da narrativa das fadas, o sonho dessa personagem não envolve algo que seja tão estereotipado para o público feminino. A pintura, acaba por representar uma quebra na narrativa que fala tanto sobre situações, objetos e sentimentos tão ligados, pelas construções sociais, ao feminino.

O outro personagem presente na obra é um menino, sem nome, mas que está com a sua bola presa numa árvore e não consegue tirar, até que Lilás aparece e resolve o problema, conseguindo devolver o objeto para a criança. Esse é um momento antagônico na obra, que coloca o sujeito masculino como aquele que tem um problema que não pode resolver, quando, normalmente, é a mulher que precisa de ajuda de algum homem para resolver empecilhos em livros infantis.

Um outro momento que reforça estereótipos é na montagem da varinha de condão, quando a personagem Poli diz que “Levaria fitinhas, lantejoulas e tudo que pudesse dar brilho a varinha de condão”. Realçando, ainda mais, as percepções acerca do que faz parte do interesse feminino de acordo com o papel social a elas impostos.

Por fim, a personagem principal resolve o mistério e descobre que é “a fada do coração, aquela que ajuda as pessoas a realizarem seus sonhos mais secretos, aqueles que estão guardados em seus corações”. Mais uma vez reforçando a concepção de que as mulheres são e estão sempre ligadas a coisas boas e positivas.

Embora este segundo livro seja mais novo, em relação ao ano de publicação, ela carrega uma narrativa recheada desses estereótipos. Uma vez que as fadas, na

literatura infantil, estão, na maioria das vezes, ligadas a meninas; contos românticos e cheios de delicadeza e fragilidade. Percebemos que, por mais que seja um livro consideravelmente mais curto que o anterior, acaba sendo uma narrativa que pouco rompe com os estereótipos de gênero e que reafirma o lugar social do ser feminino.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estereótipos relacionados às relações de gênero, foram histórica e culturalmente estabelecidos em nossa sociedade. São reafirmados diariamente e repassados, quase como uma herança, de geração em geração, fazendo com que pessoas sejam permitidas ou negadas de posições, espaços e falas, baseadas em seus gêneros biológicos. Impossibilitando que esses sujeitos formem suas identidades a partir daquilo que sentem

Hoje, graças a movimentos sociais que lutam buscando uma sociedade mais justa, podemos ver muitos avanços relacionados às posições ocupadas por homens e mulheres em nossa sociedade, Florencio et. al. (2016), afirma que “o sujeito constituído historicamente embora assim determinado, tem a possibilidade de contrariar tais determinações”. Felizmente, cada dia mais, conseguimos ver que as pessoas estão passando a ocupar os lugares e espaços que as fazem bem. Sendo o lugar, algo no sentido profissional, como cargos e profissões, ou nas expressões pessoais, com as roupas que vestem, com as coisas que usam (ou deixam de usar), o que escutam e fazem o que bem entenderem.

Contudo, esses estereótipos são tão arraigados e se apresentam de forma tão minuciosa no imaginário social, que, muitas vezes, fica difícil percebê-los em alguns lugares, como na literatura, por isso é incomum vermos questionamentos acerca dessas questões serem levantados. Vale ressaltar que imaginário, acima citado, como aponta Florêncio et al. (2016, p. 35) “não se refere ao irreal, mas a um conjunto de imagens, ou seja, o modo através do qual os homens, criam formas simbólicas de representação da relação com a realidade concreta e as coisas, o bem e o mal, o justo e o injusto, o certo e o errado, os bons maus costumes, etc.”

Com este trabalho, pudemos perceber que as obras podem apresentar tanto colocações que reforçam, quanto que rompem com as narrativas estereotipadas. Compreendendo que esses ideais sociais estão presentes na sociedade de maneira

tão profunda, podemos entender que muitas das vezes os sujeitos que reproduzem certos ideais, não compreendem que todo discurso tem uma intenção. Também é perceptível, a partir dessa afirmação, que mesmo que as narrativas nos livros literários reforcem estereótipos de gênero, não quer dizer que a autora ou autor queira reforçá-los na vida daquelas crianças.

Logo, se sabemos que os livros e suas leituras podem interferir na vida de um leitor (principalmente dos pequenos que estão em processo de construção), influenciando nas suas percepções, falas, gestos e meios de ser ver e ver o mundo e entendemos que os estereótipos de gênero fazem parte também da vida escolar, precisamos reafirmar a importância de voltar que muita atenção seja voltada às literaturas infantis escolhidas para ser trabalhadas nas salas de aula.

Concluimos percebendo que, infelizmente, baseado no recorte de obras que aqui fizemos, o ideal a ser visto nos livros infantis não foi alcançado e que algumas obras, mesmo que atuais, podem trazer narrativas carregadas de características histórico-socialmente muito ligadas ao feminino.

Sabendo disso e considerando que não é fácil encontrar livros que façam parte de um (ainda curto) grupo de literaturas que apresentam narrativas que rompem com estereótipos de gênero, em acervos disponíveis nas escolas municipais, propomos que os momentos em que situações disruptivas se apresentem durante os momentos de leitura sejam trabalhados de forma mais profunda, a fim de buscar inferir uma nova perspectiva àquela história.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de, and Regina Zilberman. **"Leitura em crise na escola: as alternativas do professor."** (*No Title*) (1988).

AMARILHA, Marly. Infância e literatura: traçando a história. **Revista Educação em questão**, v. 11, n. 2, p. 126-137, 1999.

CARVALHO, Diógenes; VERARDI, Fabiane; SÁ, Paula. **Quando se lê a literatura infantil e juvenil, o que se lê? Como se lê?**. Rio de Janeiro: Editora Boneker, 2019.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na educação básica: propostas, concepções, práticas. **Cadernos de pesquisa em educação**, 2013.

FLORENCIO, Ana Maria Gama et al. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Maceió: Edufal, 2016.

GONÇALVES, Eliane; PINTO, Joana Plaza; BORGES, Lenise Santana. **Imagens que falam, silêncios que organizam: sexualidade e marcas de homofobia em livros didáticos brasileiros**. 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LISPECTOR, Clarice. **A mulher que matou os peixes**. Rio de Janeiro: Rocco pequenos leitores, 2017.

LOURO, G. L. **Currículo, Género e Sexualidade**. Porto Editora, Portugal, 2000.

LOURO, G. L. **Gênero, história e educação: construção e desconstrução**. Educação e Realidade, 20 (2), p. 101-132, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

MARCUSCHI, Elizabeth; LEDO, Amanda Cavalcante de Oliveira. Representações de gênero social em livros didáticos de língua portuguesa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 15, p. 149-178, 2015.

NASCIMENTO, Débora Ventura Klayn. Livro didático e leitura literária nos anos finais do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 19, p. 119-145, 2019.

NUNES, Andreia Filipa Rebelo. **Era Uma Vez... estereótipos De género Nos Livros Infantis**. 2017. Tese de Doutorado. ISCTE-Instituto Universitario de Lisboa (Portugal).

PREFEITURA DO RECIFE. **Caderno VEM LER!: Propostas de mediação de leitura**. Recife, 2023.

PREFEITURA DO RECIFE. **Política de Ensino da Rede Municipal do Recife para o Ensino Fundamental**. Recife, 2022.

RIOS, Roger Raupp; DOS SANTOS, Wederson Rufino. Diversidade sexual, educação e sociedade: reflexões a partir do Programa Nacional do Livro Didático. **Revista Psicologia Política**, v. 8, n. 16, p. 325-344, 2008.

SALES, Maria. A poesia e a ficção para crianças e jovens em diálogo com as questões de gênero. In: CARVALHO, Diógenes; VERARDI, Fabiane; SÁ, Paula. **Quando se lê a literatura infantil e juvenil, o que se lê? Como se lê?**. Rio de Janeiro: Editora Boneker, 2019. P. (125-132).

SEVESO, Gabriella. Differenze di genere e libri per l'infanzia: riflessioni sugli stereotipi di genere nei libri scolastici italiani [Diferenças de gênero e livros para a infância: reflexões sobre os estereótipos de gênero nos livros escolares italianos](Gender differences and books for children: reflections on gender stereotypes in italian Schoolbooks). **Critica educativa**, v. 2, n. 2, p. 107-122, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A perspectivas dos estudos culturais**. Vozes, 2014.

SOARES, Livia. A mulher ramada: questões de gênero na literatura infantil e juvenil. In: CARVALHO, Diógenes; VERARDI, Fabiane; SÁ, Paula. **Quando se lê a literatura infantil e juvenil, o que se lê? Como se lê?**. Rio de Janeiro: Editora Boneker, 2019. P. 125-132.

VASCONCELLOS, Patricia. **Qual meu dom?**. 2016.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

ZILBERMAN, Regina; DA SILVA, Ezequiel Theodoro. **Literatura e pedagogia**. 1990.